



XII salão de
Iniciação científica
PUCRS

O que restou de São Borja o caso do município de São Borja e as lembranças do pequeno agricultor

Alcir Barbosa dos Santos¹, Rodrigo F. Maurer (orientador)²

Universidade da Região da Campanha – URCAMP – Campus de São Borja.

Resumo

Esta proposta apresenta questões da memória do pequeno produtor/agricultor de três localidades que compõem o cenário rural do município de São Borja-RS: Rincão do Meio, Timbaúva e Samburá. A partir de entrevistas direcionadas com um público foco, foi possível perceber situações que envolvem o passado dos mesmos e seus entendimentos no que diz respeito a modificação do cenário vigente. Partes dessas lembranças ainda são sentidas, sobretudo no que diz respeito a assuntos relacionados ao impacto social e cultural, tais como a implementação da tecnologia e a condição do próprio latifúndio – duas constantes que persistem nos cenários em tela.

Introdução

A palavra memória reflete a outra significação de tamanha responsabilidade: lembrança. Contudo nem só de lembranças sobrevive a memória, a mesma é antes disso a reprodução do cotidiano presenciado como bem salientou Thompson (1998), ou seja, representa e categoriza situações vividas pelo homem a partir de situações que envolveram o mesmo através das suas particularidades. Frente a essa problemática decidimos estudar a interpretação do homem rural – pequeno agricultor de três localidades do interior de São Borja a fim de observar quais são as constantes que ainda resistem frente a um cenário que foi modificado significativamente nessas últimas quatro décadas. O conceito de pequeno nesse caso segue o entendimento de Moreira (2007), quando diz que a representação do pequeno pressupõe a noção de seu oposto, no caso o grande. À nível geral, seria a contra face do outro, portanto ao referir pequeno estamos projetando também as particularidades que envolvem o cenário do grande.

Esse campo sociocultural aqui referido como prática de emprego abre espaço para uma revalorização do saber e do fazer referente ao pequeno, pois como lembra Tedesco (2002), reconstituir a sociabilidade dos simples, na história pequena, miúda, e muitas vezes naquela em que o tempo e as coisas no tempo parecem andar mais lentamente, é um imperativo do presente.

¹ Acadêmico do VI semestre do curso de História da Universidade da Região da Campanha – URCAMP – Campus de São Borja.

² Licenciado em História. Mestre em História Regional pela Universidade de Passo Fundo – UPF. Professor titular do curso de História da Universidade da Região da Campanha – URCAMP – Campus de São Borja.

Portanto, formalizar a memória é estatizar a condição do pequeno aclarando sobretudo situações que atualmente estão sendo colocadas em segundo plano por conta da sobredita sociedade contemporânea.

A importância da histórica nesse caso, ganha sentido porque esclarece as realidades que comportam o cenário em tela e seu momento atual. Cabe lembrar ainda que a questão agrária do Brasil esta relacionada a dois pontos básicos de discussão: a questão da colonização e do trabalho empregado na terra. Portanto, parte destas problemáticas se projetam conforme situações vinculadas a representatividade deste pequeno produtor/agricultor, uma vez que, as suas lembranças giram em torno de situações que estão elencadas a condição de reciprocidade e de afetividade, como por exemplo: a família, os festivais rurais e as produções de subsistência. Para Zarth (2002), a condição fundiária/agrária vigente reflete contextualizações do século XIX, quando o que prevalecia era um conflito entre o Arcaico e Moderno. Esse entendimento, serviu de suporte para contextualizarmos o cenário rural do município de São Borja. Em alguns momentos fez-se sentido o que Emília Viotti (2007) chamou de grupos “latifundistas”, ou seja, aqueles que se utilizam de uma realidade fragilizada para confirmar o seu sentido de posse e de *status quo*.

As entrevistas portanto, caracterizam o que Halbwachs (1990) considerou ser *a memória coletiva*, ou seja, aquela que envolve memórias individuais sem se confundir com as mesmas. Portanto, ao esclarecer o quadro coletivo que envolve essas três localidades do interior de São Borja a partir da memória, foi possível formatar e organizar socialmente o fato, uma vez que, dinamizamos uma série de questões, dentre estas a condição da grande propriedade e, sobretudo o do acúmulo agrário nas regiões dispostas.

Metodologia

Esta pesquisa vem sendo desenvolvida a partir de entrevistas direcionadas com um público alvo que se encontra na faixa etária dos 60 aos 100 anos de idade.

Resultados (ou Resultados e Discussão)

A pesquisa tem demonstrado uma realidade que caracteriza o pensamento descrito pelo historiador João Carlos Tedesco (2004) quando afirmou que em meio a essa turbulência de novos e/ou intensificados processos, fizeram-se legislações e regulamentações no sentido de normatizar o acesso e a apropriação da terra, as quais se tornaram um imperativo principalmente para a esfera pública e para os atuais e pretendentes grandes proprietários". Pelos relatos até agora coletados podemos perceber uma série de fatos que justifica tal interpretação, sintetizando o que Pierre Nora (1993) referiu que a memória é vida por ser carregada por grupos vivos. No caso exposto esta memória simplifica não só a história do fato abordado, mas sim, a própria região que comporta o

cenário em tela, ou seja, um abandono do campo, a devastação humana sobre os mesmos e sobretudo a conclusão do latifúndio ou das pequenas ilhas rurais – que aqui são entendidas como as pequenas propriedades rurais que se encontram cercadas pela prática de acúmulo agrário

Conclusão

A catalogação das entrevistas reproduziram o discurso de Michael Pollack (1989) quando afirmou que o rememorar não é o mesmo que viver novamente o passado. As lembranças que podemos “retomar” esclareceram várias situações que competem não somente a realidade desses pequenos produtores/agricultores do cenário rural de São Borja, mas também da região que envolve o município. Refletimos sobre algo problemático como o que envolve a condição agrária para posicionar o que François Dosse (2003) chamou de a memória do outro. Ou seja, preferimos reproduzir várias “memórias dos outros” para ter exatidão sobre a memória que nos cercam atualmente e assim, refletir sobre possíveis frustrações pessoais que envolveram e possam estar ainda envolvendo esse pequeno produtor/agricultor que se viu excluído de um sistema totalmente objetivo que procurou valorizar a grande propriedade para satisfazer os interesses do agro business.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- DA COSTA, Emília Viotti. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 8 ed. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007.
- DOSSE, François. **A história**. Bauru: EDUSC, 2003
- FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.
- MOREIRA, Roberto José. **Terra, poder e território**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a pluralidade dos lugares. **Projeto História**, n. 100, p. 7-28, dez. 1993.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**. v. 2. n. 3. p. 3-15, Rio de Janeiro, 1989.
- TEDESCO, João Carlos (org.). **Usos de memórias**. Passo Fundo: UPF, 2002.
- THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- ZARTH, Paulo Afonso. **Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.